

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Mariana Andrade Gomes*

RESUMO: Este artigo pretende realizar um estudo comparativo entre as teorias da Estética da Recepção e Experiência Estética, observando suas semelhanças, ancorado principalmente nos pressupostos de John Dewey e sua análise da Experiência Estética e H.R. Jauss em sua contribuição para a Estética da Recepção. As duas teorias enfatizam a importância do receptor para a composição do significado da obra de arte e mostram a relevância do contexto no qual as obras foram construídas e nas quais estão sendo consumidas como um elemento importante para sua compreensão. Estas correntes teóricas se opõem ao New Criticism, Formalismo Russo e Estruturalismo que interpretavam a obra em sua imanência, ou seja, a obra como possuidora de um significado fechado em si mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção – Experiência Estética – Receptor

ABSTRACT: This article intends to realize a comparative study between the theories of the Aesthetics of Reception and the Aesthetics Experience, noting their similarities, anchored mainly in the assumptions of John Dewey and your analysis of the Aesthetics Experience and H. R. Jauss in your contribution for the Aesthetics of Reception. The both theories emphasize the value of the receptor for the composition of meaning of the work of art and show the relevance of the context in which the works were built and consumed as an important element for your comprehension. These theories are contrary to New Criticism, Russian Formalism and Structuralism which interpreted the artwork in your immanence, i.e., the piece of art as having the meaning in herself.

KEY-WORDS: Aesthetics of Reception – Aesthetics Experience – Receptor

CONTEXTUALIZAÇÃO

Regina Zilberman (2008) em seu ensaio *Recepção e leitura no horizonte da literatura* realiza um breve panorama acerca da recepção de textos literários e pontua o pioneirismo do alemão L. L. Schücking, que, em seu livro *A sociologia do gosto literário*, de 1923, analisou as preferências do público, concebido nesta obra como um agente ativo no processo criativo do texto. O estudo de Schücking observou os "consumidores de leitura" a partir de seu gosto, iniciativa que não foi muito bem recebida na ocasião de sua tradução na Inglaterra, na década de 30, pois, como afirma Zilberman (2008), sua proposta foi trocada por uma visão preconceituosa diante dos livros que a "massa trabalhadora" elege como leitura.

A partir da segunda metade do século XX essa postura foi modificada, pois, com os questionamentos suscitados pela obra *After the great divide*, do autor Andreas Huyssen, começou-se a fazer a dissociação entre alta cultura, compreendida como

* Mestranda em comunicação pela Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). E-mail: marie-andrade@hotmail.com.

"elitizada e difícil e a cultura popular massificada e alienante" (ZILBERMAN, 2008). Ou seja, surgiu a necessidade de se pensar em termos de valorização e recepção através de outros vieses, deste modo, a Sociologia da Literatura passa a considerar o contexto histórico no qual as obras são concebidas e consumidas.

Observa-se no posicionamento assumido pelas teorias literárias, a partir da década de 40/50, uma proposta divergente do viés linguístico que até então era utilizado (como nos estudos do *New Criticism*, Formalistas Russos, Estruturalistas). Os teóricos literários envolvidos com a Estética da Recepção, Fenomenologia e Sociologia da Literatura (citada anteriormente), buscaram promover a importância da função do leitor/receptor das obras de arte:

Segundo Luiz Costa Lima, nessa época, a ciência da literatura traçava métodos em três direções antagônicas: o tradicionalismo *sorbonnard*, o estruturalismo barthesiano e a interpretação histórico-reflexológica. Com a ampla repercussão da antropologia de Lévi-Strauss, a abordagem social da história da arte perdia privilégio para os sistemas e categorias básicas do modelo linguístico. "A preocupação com a criação literária abandonava, como andaimes ociosos, as especificações historicizantes que haviam marcado a análise acadêmica (e, em geral, européia), desde o século XIX" (LIMA, 2002: 13-14). Enquanto o estruturalismo barthesiano e o tradicionalismo *sorbonnard* concentravam-se na pesquisa formalista, colocando em risco o prestígio da História, a teoria do reflexo deixava de lado a abordagem estética da história da arte, ameaçando reduzi-la à ilustração das mudanças sociais. (MIRANDA, 2007, p.20)

Miranda (2007) afirma que, até o século XX, o texto literário e as obras de arte em geral eram abordados como "constituídos por um sentido fechado, único e objetivável através da análise de estruturas, traços e funções imanentes à obra, além da referência ao contexto social e literário, ou, ainda da determinação da intenção do autor" (MIRANDA, 2007, p.18). O positivismo e o historicismo do século XIX acreditavam que a única interpretação possível era a fornecida pelo autor, ou seja, o significado da obra era propriedade de seu autor, não restando outras opções para os demais leitores influenciados por seu contexto histórico-social. Tal postura, que privilegia a intenção do autor, fundamenta-se essencialmente no pressuposto de que a obra de arte possui suma sólida e pura significação, possível de ser apreendida objetivamente. Deste modo, concebe-se a linguagem como sistema hermético e estático, não levando em consideração que até mesmo a intenção do autor é passível a "certa dose de ambiguidade" (MIRANDA, 2007, p.18).

Como mudança deste quadro, alguns autores (MIRANDA (2007), COSTA LIMA (1979), COSTA (2010), ZILBERMAN (1989 e 2008)), apontam a relevância da aula inaugural de H. R. Jauss, na Universidade de Konstanz em 13 de abril de 1967, intitulada *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?*, para o início dos estudos da Estética da Recepção. Esta conferência discutiu o *status* científico da história da arte enquanto disciplina, visando uma mudança nos métodos de pesquisa mudando o foco do autor e transferindo-o para o leitor.

A palestra inicial de Jauss foi proferida em um momento de revoltas estudantis, em que se apresentaram críticas do autor em relação ao interesse de um grupo de intelectuais alemães pela promoção da reforma universitária e, em especial, pela mudança da auto-imagem da teoria da ciência. Como afirma Miranda (2007), o discurso em tom liberal de Jauss foi capaz de agradar aos estudantes sem incomodar as autoridades.

A crítica que Jauss tece sobre a história da literatura se refere ao fato de que, anteriormente, a categorização da teoria literária se dava através de tendências gerais, fosse pela abordagem individual das obras de acordo com a sequência cronológica, fosse de acordo com a cronologia dos grandes autores, através do esquema de vida e obra, ou contemplando apenas os autores de renome da Antiguidade Clássica, sem observar os de "menor fama".

Para Jauss (1994), a história da literatura ao considerar apenas um cânone ou descrever a vida e a obra de alguns autores em ordem cronológica não consegue atingir a historicidade das obras, não observando, portanto, o aspecto estético da criação literária, pois, a qualidade e a categoria de uma obra literária não é resultado direto das condições históricas ou biográficas de sua origem, tampouco é produto de certa postura no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua relevância junto à posteridade.

A proposta de Jauss durante esta aula inaugural pretende utilizar-se de uma nova metodologia de pesquisa, em um período no qual as pesquisas literárias estavam fortemente relacionadas à crítica imanentista, do lado ocidental e do marxismo reflexológico no lado oriental. A noção de historicidade abordada por estas duas vertentes (formalismo e marxismo) se mostrava incapaz, na concepção de Jauss, de conciliar a pesquisa de cunho estrutural aos elementos histórico-sociais de seu objeto de investigação. Em seu ponto de vista, tais teorias contribuíram para aprofundar ainda mais o abismo existente entre o conhecimento estético e o conhecimento histórico, pois, o valor estético das obras de arte era posto "entre parênteses" e a inserção social da literatura era "omitida".

ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Partindo do princípio da valorização da receptibilidade da obra, ou seja, a relação entre texto e leitor, a Estética da Recepção (ponto de encontro entre a poética e a hermenêutica) dá preferência à interpretação que o receptor tem sobre a obra, rompendo com as teorias anteriores que concebiam o texto literário em sua imanência. Jauss e outros autores (como Wolfgang Iser, Karlheinz Stierle e Hans Ulrich Gumbrecht¹

¹ Este ensaio somente abordará as concepções de Hans Robert Jauss, devido à sua proximidade com as questões da Experiência Estética. Também não serão problematizados os pontos "fracos" da Estética da Recepção (principalmente os levantamentos feitos por Luiz Costa Lima em 1979), no tocante à fragilidade do conceito de leitor e de sua função concreta para Jauss, pois de acordo com Costa Lima (1979, p. 12): "Considerar de início que o leitor é o centro da pesquisa recepcional implicará deixar-se de lado a reorientação teórica dos estudos da literatura que o movimento teria operado ou poderá vir a

(citados por Luiz Costa Lima no livro *A literatura e o leitor* de 1979)), desenvolveram várias teses que abarcam a recepção das obras pelos seus leitores, nos quais, nos atos de leitura são passíveis diversas interpretações e atos de criação por parte de seus receptores, saem da postura passiva e adquirem a função de co-autores da obra. Dessa forma, o sujeito da produção (autor) e o sujeito de recepção (leitor) são mediados pelo contexto social e cultural no qual se enquadram.

A proposta da Estética da Recepção surge, portanto, com a preocupação central de encontrar um método para a história da literatura e da arte, capaz de abordá-la tanto em sua relação com o contexto geral da história quanto em sua historicidade específica, i. e., tanto em relação à sociedade quanto na dinâmica interna de superação, transgressão e instauração de novos códigos estéticos. Como teoria conciliadora das pesquisas marxistas e formalistas, a teoria proposta pela Escola de Constança buscava não só resgatar a perspectiva histórica como incluir em seu método uma fundamentação do juízo estético que o objeto demanda. Para que tal conciliação fosse possível era necessário propor um nexu literário a partir do qual a ciência da literatura se tornaria capaz de compreender a obra tanto em *sua* história – ou seja, no interior da história da literatura como sistema de gêneros e formas – quanto *na* história, i.e., “em seu horizonte histórico de nascimento, função social e efeito histórico” (JAUSS, 1994: 20). (MIRANDA, 2007, p. 20 – 21)

Ao assumir a perspectiva do leitor, a Estética da Recepção considera que é a partir do ponto de vista do receptor que se garante a historicidade das obras literárias. O fato de o leitor consumir obras advindas de outros períodos históricos demonstra que estas se atualizam permanentemente, e, neste processo, observa-se a participação do leitor – posição contrária à concepção de que as obras são atemporais.

H. R. Jauss afirma que existe uma relação dialógica entre a obra e o leitor, embora isto não implique em uma relação fixa, pois as leituras são modificadas a cada época e o leitor dialoga com a obra a partir de outras leituras anteriores; ou seja, há a influência do arcabouço cultural na recepção do texto, na qual se forma uma "criação literária particular" (ZILBERMAN, 2008).

Por outro lado, nenhum leitor deixa de sofrer interferência das obras as quais consome, e estas não são impassíveis às possíveis leituras que proporcionam, ou seja, o receptor exerce uma função ativa no que concerne ao processo de circulação da literatura na sociedade. Jauss também chama atenção para o fato de que a ação do leitor não é individualista, tampouco singular, visto que as sociedades e as épocas estabelecem horizontes de expectativa dentro dos quais as obras estão situadas. Este horizonte de expectativa é constituído de acordo com o gênero, a forma e a temática das obras anteriormente conhecidas e da "incompatibilidade" entre linguagem poética e prática (JAUSS, 1994). Ainda para Jauss, o leitor é um fator de significativa relevância para o sistema literário, pois, determina os modos de acolhimento, valorização e circulação das obras, porém, como já foi citado anteriormente, sua ação não é idiossincrática ou singular, mas regida pelo comportamento semelhante entre pessoas de um mesmo grupo operar".

social. Portanto, tais efeitos podem ser definidos e analisados equivalendo à história da recepção de uma dada obra.

Sendo assim, as obras, quando são lançadas, se deparam com códigos vigentes, regras sociais e estéticas, maneiras de comunicação tidas como populares ou cultas, preconceitos e ideologias dominantes, enfim, no contexto de produção, as obras literárias são mediadas pelas condições históricas, sociais e culturais nas quais estão inseridas. Essas condições formam o “saber prévio” (para Regina Zilberman (2008), “O “saber prévio” é coletivo e incide sobre as possibilidades de decifração de uma obra, sugerindo que os leitores atuam de modo coeso”) dos leitores que orienta a recepção do texto conforme a época ou quando está inserido em algum grupo social.

O leitor, portanto, coincide com o horizonte de recepção ou acolhimento de uma obra. Essa, por sua vez, destaca-se quando não se equipara a esse horizonte, pois, se o fizesse, nem seria notada. Com efeito, cada obra procura se particularizar diante do universo para o qual se apresenta, particularização que se evidencia quando ela rompe com os códigos e as normas predominantes. Assim, ela estabelece um intervalo entre o que se espera e o que se realiza, a que Jauss denomina “distância estética”. (ZILBERMAN, 2008)

Esta distância estética representa a diferença estabelecida entre o horizonte de expectativa preexistente e o outro horizonte aludido pela nova obra. Este aspecto, que pode ser observado conforme a experiência dos leitores, define significativamente o valor artístico da obra, na concepção de Hans Robert Jauss, pois este valor é modificado na medida em que a obra questiona, atende ou supera o horizonte de expectativa estabelecido. Na opinião do autor, a obra assume uma maior distinção positiva quanto mais rompe com o horizonte de expectativa preestabelecido, ou seja, quando se mostra “inusitado” perante o receptor. A obra que não vislumbra este rompimento corrobora tão somente a continuidade do gosto e das percepções triviais, através da reprodução conveniente da obviedade da arte “ligeira ou culinária”, que confirma o gosto pelo belo usual, estabelece sentimentos familiares, aprova fantasias do desejo e problematiza questões supostamente morais e edificantes.

A expectativa do leitor está diretamente relacionada à sua experiência estética, pois, como afirma Luiz Costa Lima (1979, p. 14): “a análise da literatura se infere da experiência que este estabelece com os seus textos”.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE JOHN DEWEY

John Dewey (2010) afirma que uma experiência de pensamento tem sua qualidade estética própria, a distinção reside no fato de que o material estético consiste em qualidades, enquanto que na experiência intelectual não há uma qualidade própria intrínseca, mas que substituem “coisas” que podem, em outra experiência, serem experimentadas qualitativamente. O autor pontua que esta diferença é bastante latente e é um dos motivos pelos quais a arte compreendida como puramente intelectual nunca

terá a mesma popularidade como é o caso da música. Porém, a própria experiência possui uma qualidade emocional satisfatória, por possuir uma integração interna e uma realização alcançada através de um movimento ordenado e organizado, esta estrutura artística pode ser imediatamente sentida, neste sentido, pode ser considerada como estética.

No entanto, o estético não pode ser separado de modo definitivo da experiência intelectual, visto que esta deverá evidenciar seu aspecto estético para que seja completa. Quando exemplifica o caso da experiência perante as pinturas, Dewey (2010) assinala que o aspecto mais relevante na experimentação é a inteligência empregada na percepção das relações estabelecidas, pois, naturalmente, a inteligência não se distancia da sensibilidade direta e é conectada, de modo majoritariamente externo, à habilidade.

Compactuando com o aspecto "sensível", proposto por Dewey, Costa Lima (1979), caracteriza a experiência estética como:

[...] o prazer originado entre a oscilação e entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua continuidade, para estar no outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si. (COSTA LIMA, 1979, p. 19)

Dewey (2010) lamenta a ambiguidade e a separação entre os conceitos de "artístico" e de "estético" em sua língua vernácula, o inglês, pois, para o autor, é sofrível o fato de não haver um termo que designe os dois processos tomados em conjunto. Para o autor, o "artístico" está relacionado, primordialmente, ao ato de produção e o "estético" como referente à apreciação e percepção. A consequência desta distinção é o afastamento dos dois processos, ou seja, a concepção de arte como algo que se sobressai ao material estético, ou ainda, a ideia de que, sendo a arte fruto de um processo criativo, a percepção e a apreciação da mesma não interferem neste processo. A justificativa para este levantamento é que "a concepção de experiência consciente enquanto relação percebida entre o fazer e o padecer torna-nos aptos para a compreensão da conexão que a arte enquanto produção e percepção, e a apreciação enquanto gozo, mantêm uma com relação à outra" (DEWEY, 2010, p. 98).

Há, contudo, uma grande diferença entre a percepção e o simples reconhecimento, na qual a primeira substitui este, de modo que, no reconhecimento, há o princípio de um ato de percepção. Na percepção, o receptor não é passivo, no processo perceptivo deve haver interação e assimilação daquilo ao qual se está sendo exposto. Há, também, um ato de criação e de recriação pelo receptor, assim como é exposto na Estética da Recepção.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA H. R. JAUSS

Em seu ensaio intitulado *A Estética da Recepção: colocações gerais*², de 1977, H. R. Jauss argumenta sobre a experiência estética, fundamentando-se na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer³, na teoria estética de Immanuel Kant, e tecendo comentários acerca dos estudos de John Dewey (trata em poucas linhas dos conceitos expressos no livro *Art as experience*, de 1934), Jan Mukarovsky, Walter Benjamin e opondo-se declaradamente à teoria negativa de Theodor Adorno.

O autor pontua que, ao se falar acerca das funções vitais da arte, apenas o lado produtivo (*poiesis*) da experiência estética era priorizado, pouca importância se dava ao lado receptivo (*aisthesis*) e, muito raramente, considerava-se o aspecto comunicativo (*katharsis*). O autor realiza a distinção entre a compreensão e o discernimento, entre a experiência primária e o ato de reflexão, no qual a consciência prima pela significação e pela constituição de sua experiência, retornando para a recepção dos textos e dos objetos estéticos, através da distinção entre o ato receptivo e o interpretativo. Assim, a experiência estética não tem início na compreensão e na interpretação do significado de uma obra, tampouco através da recuperação da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra artística é alcançada pela "compreensão fruidora e na fruição compreensiva", ou seja, pela entrada em sintonia com seu efeito estético. Ir de confronto a esta experiência estética primeira é afirmar que o texto literário não foi feito para o leitor, e sim, especificamente para ser interpretado.

Daí a dupla tarefa da hermenêutica literária: traçar a distinção entre os dois modos de recepção, isto é, esclarecer o processo atual no qual se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e reconstruir o processo histórico no qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. Deste modo, a aplicação deve observar a comparação entre o efeito atual da obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção (JAUSS, 1979, p. 46).

O autor pontua que também é necessário se observar a diferença entre o efeito, condicionado pelo texto, e a recepção, condicionado pelo destinatário, que atuam na concretização do sentido como "duplo horizonte" (o interno ao literário, comprometido com a obra, e o "mundivivencial" relacionado com o leitor situado em uma determinada sociedade. Isto se coloca pela necessidade de se definir como a experiência e a expectativa se relacionam e para ter um maior conhecimento de se isso produz um momento de nova significação.

2 Contido no livro *A literatura e o leitor*, organizado, selecionado e traduzido por Luiz Costa Lima, em 1979.

3 Sobre este afirma, "A teoria de Gadamer da experiência hermenêutica, a explicação histórica desta experiência na história dos conceitos humanísticos fundamentais, seu princípio de reconhecer a história do efeito (*Wirkungsgeschichte*) o acesso a toda a compreensão histórica e a solução do problema da realização controlável da "fusão de horizonte" são os pressupostos metodológicos inquestionáveis, sem os quais o meu projeto seria impensável." (JAUSS, 1979, p. 55)

CONSIDERAÇÕES

Embora Richard Shusterman⁴ (1999) declare a decadência da experiência estética, a relevância desta teoria para os estudos de recepção atuais é muito grande. O estudo da experiência estética se mostra uma eficaz ferramenta na análise da percepção das obras artísticas através do ponto de vista do destinatário, principalmente quando aproximamos o objeto estético do nosso cotidiano, como é apontado no estudo de Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*, de 1994.

A Sociologia da Literatura já havia chamado atenção para a aproximação entre o objeto artístico e as influências do meio social; foi, porém, através da Estética da Recepção que se pode chegar a uma metodologia mais adequada de observação, pois sua análise dos textos literários não privilegia mais o aspecto social, e o estuda em conjunto com a crítica estética.

Admitindo-se o prazer reflexivo e a função comunicativa da arte, desencadeiam a convicção de que a função social artística é efetuada em sua interação com outros âmbitos da experiência, com outras áreas de significação da vida.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. *Estética da Recepção e Teoria do Efeito*. Atualizado em: 18 Abr. 2011. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/EST_RE CEP_TEORIA_EFEITO.pdf. Acesso em: 30 nov. 2010.
- DE CERTAU, Michel. “Um lugar comum: a linguagem ordinária” In: *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da Literatura como provocação à Teoria Literária*. (1967). São Paulo: Ática, 1994. Série Temas, Vol. 36.
- _____; ISER, Wolfgang; COSTA LIMA, Luiz (Org. e Trad.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MIRANDA, Mariana Lage. *Objeto ambíguo: arte e estética na experiência cotidiana, segundo H. R. Jauss*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2007. Atualizado em 18 Abr. 2011. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-7JRHSC/1/objeto_amb_guo.pdf. Acesso em: 30 nov. 2010.
- SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. *Teoria do efeito estético e teoria histórico-cultural: o leitor como interface*. Recife: Bagaço, 2009.

4 O autor argumenta que atualmente a nossa sensibilidade está sendo modificada, pois está passando de uma cultura experiencial para um caráter mais informacional. “The decline of aesthetic experience from Dewey to Danto reflects, I shall argue, deep confusion about this concept’s diverse forms and theoretical functions. But it also reflects a growing preoccupation with the anaesthetic thrust of this century’s artistic avant-garde, itself symptomatic of much larger transformations in our basic sensibility as we move increasingly from an experiential to an informational culture” (SHUSTERMAN, 1999).

SHUSTERMAN, Richard. "The end of aesthetic experience". In: *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, n. 55, 1999, p- 29-41.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. "Recepção e leitura no horizonte da literatura". In: *Alea: Estudos Neolatinos*. vol.10, n. 1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2008. ISSN 1517-106X. atualizado em: 18 Abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2008000100006&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 27 nov. 2010.